

SAUDADE

Pela primeira vez, depois de um ano de ininterrupta atividade, a semana que passou não consegui escrever. A vontade claudicante não conseguiu ordenar o pensamento. O coração e as lágrimas tudo dominaram, de forma que as palavras não se alinharam para formar as frases e estas, o pensamento.

O golpe, embora previsível e inarredável, foi muito rude e triste. Por mais tênue e frágil seja a chama da vida, ainda é suficiente para iluminar os dias e as noites, para dar calor, abrigo e amparo.

Depois que tudo passa, após o espanto e a angústia do último momento, se instala uma tristeza sem remédio. A gente vê sem enxergar o que está por fora e, embora não queira, só se divisa o que vai por dentro. A memória traz à tona fatos e coisas esquecidas, que já tinham se perdido nas brumas do passado: as primeiras palavras que consegui articular, os cadernos da infância, os brinquedos, as orações ensinadas com paciência, o amor, o carinho, o desvelo, os pratos gostosos feitos no fogão à lenha, a casa grande, onde a felicidade morou tanto tempo.

A cada momento tudo volta, como se a gente estivesse assistindo a um velho filme sobre a própria vida; a ida ao grupo escolar, de uniforme novo e bem passado, com a bolsa e a lancheira, o caderno, o lápis e a borracha; os conselhos, a moral rígida e intransigente; as histórias contadas à noite, na hora do sono; os cuidados incomparáveis nas doenças; o consolo, o refúgio, a persistência, o entusiasmo... e, sobretudo, o amor, grande, imenso, único, infinito... Tive tudo! Não posso me queixar. Aprendi a ser forte. Às vezes sinto medo, mas o domino. Fui educado para enfrentar as pedras do caminho, os tropeços e as dificuldades. Aprendi a viver e a transmitir esse conhecimento a meus descendentes. Meus exemplos e meu nome constituem meu legado.

A duras penas, chorando sempre, consegui escrever a crônica de hoje. Desta vez, não o fiz para vocês e me desculpo. Escrevi para mim mesmo. Foi ela ditada pelo amor, pela gratidão, pela saudade. A dor vai esmaecer e cessar, pois sei que a repetição de uma emoção faz com que ela perca a intensidade. Um dia ficará só a saudade consoladora e indestrutível.

Vou terminar, usando a oportunidade que me dá este jornal para agradecer as palavras de fé e conforto, as cartas, os telegramas, os telefonemas e, sobretudo, a presença dos amigos que velaram comigo. Deus lhes pagará.

Não posso deixar de citar uns versos lidos na mocidade e que, na ocasião, não consegui compreender

“Quem tem mãe, tem todos os parentes..

E eu não tenho por mim, oh! minha Mãe, ninguém!”